

## HETEROGENEIDADE DISCURSIVA: RELAÇÕES DE DIFERENÇA NO INTERIOR DE UMA MESMA FORMAÇÃO DISCURSIVA\*

Ercília Ana Cazarin\*\*

**RESUMO:** Este texto, sob a ótica da Escola Francesa da análise do discurso, analisa a heterogeneidade discursiva, realizando a leitura/interpretação de relações entre distintas posições de sujeito que marcam a diferença existente no interior de uma mesma formação discursiva. A análise tem como espaço discursivo o discurso político de L. I. Lula da Silva, no período compreendido entre 1978/2000.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso; heterogeneidade discursiva; discurso-outro; posição-sujeito.

Este ensaio analisa a heterogeneidade discursiva, revelando diferentes posições de sujeito no interior de uma mesma formação discursiva<sup>1</sup> e insere-se em uma pesquisa mais ampla que tem por objetivo analisar diferentes formas de funcionamento discursivo do

---

\* Este texto tem sua origem na dissertação de mestrado realizada na UFRGS, cuja pesquisa está tendo continuidade na linha de pesquisa "Discurso e Sociedade" da UNIJUÍ, dentro do projeto "Um estudo sobre diferentes formas de funcionamento discursivo político de L. I. Lula da Silva".

\*\* Mestre em Estudos da Linguagem, professora do curso de Letras da UNIJUÍ e doutoranda em Estudos da Linguagem na UFRGS.

<sup>1</sup> A noção de formação discursiva será tratada como FD e o entendimento deste conceito será explicitado no decorrer do texto.

discurso político de L. I. Lula da Silva<sup>2</sup>. A teoria que dá sustentação ao trabalho é a da Escola francesa da Análise do Discurso (daqui em diante designada AD) que se constitui entre o espaço de conhecimento da Lingüística, das Ciências Sociais Críticas e da Psicanálise.

A AD, idealizada por Pêcheux (1938-1983), filósofo com preocupações lingüísticas, surge na França, nos anos 60, e institui-se como uma teoria semântica que tem como objetivo compreender o funcionamento discursivo da linguagem e a conseqüente produção de efeitos de sentido, a partir do discurso. Este é tomado enquanto objeto teórico que materializa o contato entre o lingüístico e o não-lingüístico, através da atividade de um sujeito social, historicamente situado, não fonte nem senhor do dizer. No processo discursivo estão presentes a língua e a história em suas materialidades e o sujeito descentrado<sup>3</sup> e interpelado pela ideologia<sup>4</sup>.

Das considerações feitas, depreende-se que a língua é

---

<sup>2</sup> L. I. Lula da Silva, neste trabalho, também será representado por Lula.

<sup>3</sup> A teoria não-subjetiva da subjetividade, de natureza psicanalítica, inclui o sujeito, mas, ao mesmo tempo, o "descentra". Orlandi explica esse descentramento afirmando que a AD não considera o sujeito como fonte e responsável do sentido que produz, considera-o apenas parte desse processo. Segundo ela, "o sujeito da linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundando em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia"(1999, p.20).

<sup>4</sup> A história liga-se à prática e não ao tempo em si. Organiza-se, conforme Orlandi (1990, p.35-36), tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia. A historicidade é a historicidade do texto, que não é apenas reflexo do fora, mas se constitui já na própria tessitura da materialidade lingüística. A historicidade do discurso liga-se ao modo de funcionamento da linguagem e tem a ver com a produção de sentidos, na relação entre FDs. A ideologia procura compreender os efeitos de sentido a partir do entendimento de que é no discurso que se configura a relação da língua com a ideologia. Segundo Orlandi (1990, p.36), não é dissimulação, mas interpretação do sentido (em uma direção). O homem, na sua relação com a realidade natural e social, obriga-se a interpretar e essa interpretação não é qualquer uma, pois é "sempre regida por condições de produção de sentidos específicos e determinados na história da sociedade".

concebida como base material do discurso e é trabalhada enquanto processo discursivo, inscrito na história. A historicidade e a ideologia apresentam-se, então, como constitutivas do discurso e este como efeito de sentido entre locutores. O funcionamento lingüístico (ordem interna da língua) e as condições extralingüísticas em que o discurso se realiza estão de tal forma imbricados que são considerados simultânea e integradamente e os efeitos de sentido do discurso se remetem e são apreendidos no horizonte de sua historicidade e da dimensão ideológica que os constitui. Partindo do pressuposto de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e de que a materialidade específica do discurso é a língua, o analista de discurso trabalha a relação língua - discurso - ideologia.

É importante prestar atenção em dois conceitos fundamentais à análise aqui realizada - são os conceitos de formação discursiva e de heterogeneidade discursiva.

Segundo Pêcheux (1980, p.192-196), uma FD determina o que pode e deve ser dito, identificando um domínio de saber que dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao interdiscurso<sup>5</sup>, chamando a atenção para o fato de que uma FD não se constitui num espaço estrutural fechado, pois sua constituição é "invadida" por elementos que vêm de outro lugar, sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos.

Courtine (1981, p.35-53), outro estudioso da AD, afirma que uma FD deve ser considerada como uma unidade divizível, uma heterogeneidade em relação a si mesma. Suas fronteiras são fundamentalmente instáveis e, por isto, não consiste em um limite traçado uma vez por todas, separando um interior de um exterior do saber. Uma FD se inscreve entre diversas FDs e suas fronteiras se deslocam em função de relações ideológicas. O domínio de saber de uma FD funciona como o princípio de aceitabilidade discursiva em relação a um conjunto de formulações (que determina o que pode e

---

<sup>5</sup> O interdiscurso delimita o conjunto do dizível, histórica e lingüisticamente definido e determina a FD com a qual o sujeito discursivamente se identifica, indicando, portanto, que sempre já há discurso exterior ao sujeito.

deve ser dito), mas, ao mesmo tempo, funciona como um princípio de exclusão (determina o que não pode e não deve ser dito).

Orlandi (1998, p.13), seguindo essa mesma linha de pensamento, salienta que uma FD determina uma posição, mas não a preenche de sentido. As formações são constituídas pelas diferenças, pelas contradições, pelo movimento<sup>6</sup>.

No que se refere à heterogeneidade discursiva, explicita-se como a mesma é concebida/trabalhada na teoria da AD. Sobre o assunto, importa reconhecer os estudos de Bakhtin (1981/1990) e de Authier-Revuz (1982/1990), os quais embora não correspondam ao "outro" estudado na AD, influenciam o trabalho nela realizado. Authier defende a tese de que as diferentes formas de heterogeneidade mostrada (marcada ou não-marcada), no discurso, são manifestações de diversos tipos de "negociação" do sujeito falante com o que ela chama de heterogeneidade constitutiva.

A heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso apoia-se, de um lado, na problemática do dialogismo bakhtiniano e, de outro, na releitura que Lacan faz da obra de Freud, em especial, na abordagem do sujeito em sua relação com a linguagem.

O dialogismo de Bakhtin faz da interação com o discurso do "outro" a lei constitutiva de todo o discurso. A interdiscursividade e a interlocução inscrevem constitutivamente, no discurso, a presença das palavras do "outro" - as palavras são, sempre e inevitavelmente, "as palavras dos outros".

A psicanálise, através de sua própria prática e de sua própria problemática - não lingüísticas -, mostra como lei de toda a fala - e não de uma fala analítica - o fato de que sempre sob as palavras, "outras palavras" são ditas.

Authier-Revuz (1982, p.136) articula a heterogeneidade do

---

<sup>6</sup> Orlandi (1998, p.13) salienta que a FD é um princípio de organização para o analista e que a mesma não é definida a priori como evidência ou lugar estabilizado, mas como regiões de confronto, configurando-se como sítios de significância, correspondentes a gestos de interpretação.

discurso ao descentramento do sujeito, apresentando-o como efeito de linguagem e, por conseguinte, dividido, clivado, cindido. A heterogeneidade discursiva tem, na sua essência, a presença de um "outro" que determina, pela relação com a exterioridade, o sujeito da linguagem. Segundo ela, "o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para 'traduzir' em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente".

A idéia central da heterogeneidade constitutiva é a de que todo o discurso apresenta-se constitutivamente atravessado por "outros discursos" - pelo discurso do "outro" e a heterogeneidade mostrada é aquela pela qual a unidade aparente do discurso é alterada, pois ela inscreve, ao contrário da heterogeneidade constitutiva, visivelmente o "outro" na seqüência do discurso. Apresenta-se sob formas lingüísticas ou não de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva ao seu discurso. Através dela, altera-se a unicidade aparente da cadeia discursiva, pois ela aí inscreve o "outro", com ou sem marcas de ancoragem.

A contribuição desses autores foi importante para o desenvolvimento da noção de heterogeneidade discursiva em AD, no entanto, interessa salientar que, em AD, a noção de heterogeneidade discursiva liga-se estreitamente à noção de FD. Foi a reflexão teórica sobre FD que possibilitou a abertura necessária para o entendimento da heterogeneidade discursiva no seio da AD.

Pêcheux (1980, p.195) afirma ser impossível caracterizar uma FD classificando-a entre outras formações mediante alguma tipologia. Segundo ele, o importante é determinar os avanços constitutivos mediante os quais uma pluralidade contraditória desigual e interiormente subordinada de FDs organiza-se em função dos interesses postos em jogo na luta de classes, em um momento dado de seu desenvolvimento em uma formação social dada. É o jogo contraditório das FDs que, através de uma série de enfoques, importações, traduções, caminhos, deslocamentos e alterações, determina as formas historicamente variáveis da relação entre discurso, ideologia e interesse de classe.

Nesse sentido, sem sombra de dúvida, pode-se afirmar que, embasada no pensamento de Pêcheux, a noção de heterogeneidade discursiva foi trabalhada na AD por Marandin, Courtine e Seriot. Veja-se o que escrevem Guilhamou, Malidier:

... Marandin, sempre com base em Foucault, introduzia a noção de heterogeneidade no campo da análise do discurso. A formação discursiva perdia desta forma uma coerência da qual era dotada apenas no interior do metadiscurso sobre a ideologia (...).

... J. J. Courtine (...) ultrapassando uma terminologia que ainda apresentava as marcas do meta-discurso (categoria marxista da contradição), introduzia a noção de enunciado dividido e permitia abordar a questão do heterogêneo no interior da FD (...).

... Esta questão iria retornar através do viés de uma pesquisa centrada sobre a materialidade própria da língua russa: a partir de um questionamento sobre o funcionamento da nominalização, Patrick Seriot trabalharia a estratificação dos espaços enunciativos (...) (1989, p.64 e 65).

Em 1980, Courtine, Marandin sugeriam definir uma FD a partir de seu interdiscurso. O deslocamento teórico provocado por esses autores introduz a heterogeneidade na FD e, conseqüentemente, no discurso. A prática discursiva mostra que o sujeito, quando fala, adere à sua formação discursiva, entretanto, dentro desta, apesar dela determinar o que pode e deve ser dito, há, ou pode haver, efeitos de contradição. A forma como a "posição-sujeito" se relaciona com a "forma sujeito" (sujeito da FD), revela a não homogeneidade da formação discursiva e conseqüentemente do discurso.

A introdução do conceito de heterogeneidade aliada à redefinição teórica da FD possibilitou uma concepção própria de heterogeneidade no seio da AD.

Desta forma, a heterogeneidade, segundo Courtine, Marandin (1981, p.23-26), deve ser entendida como elemento constitutivo de práticas discursivas que se dominam, se aliam ou se afrontam num certo estado da luta ideológica e política, no seio de uma formação social e numa conjuntura histórica determinada. Trata-se do efeito do

interdiscurso no interior mesmo de uma série de formulações, constituindo o saber "próprio" a uma FD dada, a partir de elementos do saber que lhe são exteriores. Dito de outra forma, o saber homogêneo de uma FD se apaga sob a pluralidade nominalista dos "objetos do mundo", marcando a heterogeneidade constitutiva de uma FD como modalidade particular de contato entre FDs.

Orlandi (1990, p.38-44) segue esta mesma linha de reflexão e trata a heterogeneidade discursiva a partir das relações que acontecem entre FDs distintas. Para a autora, o complexo das FDs, em seu conjunto, define o universo do "dizível" e especifica, em suas diferenças, o limite do dizer para os sujeitos em suas diferentes posições (remissíveis a diferentes FDs). É esse jogo de FDs que remete o discurso à sua exterioridade, ou seja, à relação com o interdiscurso, com o "outro" - a relação do intradiscurso com o interdiscurso remete o dizer do sujeito ao "outro" constitutivo.

É nesta relação que a questão da heterogeneidade interessa à AD, uma vez que todo o discurso mantém relação com outros discursos (os quais exclui, inclui, pressupõe, etc.), relações estas determinadas pelo interdiscurso.

Indursky (1992, p.285-302), ao tratar do assunto, parte da idéia de que um discurso é heterogêneo porque sempre comporta, constitutivamente, em seu interior, outros discursos; afirma que, em AD, o que importa é romper analiticamente a aparente homogeneidade discursiva para fazer vir à tona sua heterogeneidade fundante. Para tanto, é preciso mobilizar a categoria de "memória discursiva"<sup>7</sup>. É esta que permite relacionar seqüências formuladas no intradiscurso com sua exterioridade (com o interdiscurso).

Pode-se dizer, então, que esta relação (intradiscurso/interdiscurso) coloca, conforme Courtine, (1981), em movimento

---

<sup>7</sup> Memória discursiva é entendida, a partir de Courtine (1981, p.52), como uma categoria de análise que permite acionar, na conjuntura histórico-social em que ocorreram os fatos lingüísticos, "formulações enunciadas anteriormente", as quais possibilitam ao analista a reconstituição dos enunciados que circulavam, na época, nas diferentes FDs.

"zonas discursivamente heterogêneas", isto é, processos discursivos inerentes a FDs antagônicas, ou mesmo, "posições de sujeito" que se diferenciam ou que se apresentam divergentes no seio de uma mesma FD.

Estabelecidas essas considerações teóricas, salienta-se que no exame das relações que ocorrem no interior da FD do discurso em pauta, distintas formas de funcionamento discursivo foram constatadas. Neste texto, porém, analisam-se as relações de diferença. Para tanto, é importante entender que essas relações ocorrem no interior da FD do sujeito do discurso, na qual constata-se a presença de distintas posições de sujeito que nela convivem. Mais especificamente aí distinguem-se a posição-sujeito1 da posição-sujeito2, como duas formas diversas de relacionamento com a forma-sujeito da FD em que se inscreve o discurso de Lula. Metodologicamente, neste trabalho, a posição de sujeito1 é ocupada pelo sujeito do discurso (Lula) e a posição de sujeito2 é ocupada por uma posição de sujeito que, no interior da mesma FD, diferencia-se daquela do sujeito do discurso.

Acredita-se que as noções de enunciado dividido<sup>8</sup> e de memória discursiva, propostas por Courtine (1981/1982) e trabalhadas por Indursky (1992), também permitem a análise da inserção do discurso-outro no interior da FD do sujeito do discurso. Ou seja, Courtine propõe recuperar, via memória discursiva, no interdiscurso, o(s) enunciado(s) que se opõe(m) ao do sujeito do discurso; no caso em análise, buscam-se esses enunciados no interior da FD do sujeito do discurso. Registra-se, então, não só a heterogeneidade do discurso, como, também, da própria FD - "uma FD é uma unidade dividida, uma heterogeneidade em relação a si mesma" (Courtine, 1982, p.245).

Indursky (1992, p.332), quando diz que uma FD autoriza a divisão sob a aparência da unidade, afirma que a unidade é garantida

---

<sup>8</sup> O enunciado dividido, segundo Courtine (1981, p.97), mostra a presença de dois enunciados distintos - são discursos em confronto que convivem no mesmo enunciado.



pela identificação ideológica e a divisão é decorrente das diferentes posições de sujeito possíveis no interior de uma FD. Segundo a autora, é por isso que a coerência de uma FD é relativa, pois contém, em si mesma, espaço para a diferença e para a contradição.

O enunciado dividido, em Courtine, coloca em confronto "zonas discursivamente heterogêneas, de processos discursivos inerentes a FDs antagônicas". No caso em análise, colocam-se em tensão "zonas discursivas heterogêneas" próprias aos processos discursivos inerentes à mesma FD. Tem-se, então, aquilo que Indursky (1992, p.326-334) chama de "negação interna", fazendo aparecer diferenças no interior da mesma FD. Estabelecem-se diferenças entre o que "pode mas não deve ser dito". O enunciado dividido, então, pode ser utilizado para analisar o funcionamento discursivo tanto na sua relação com a exterioridade, quanto na sua relação com a interioridade da FD. Segundo Indursky (1992, p.334), no primeiro caso, opõe enunciados excludentes entre si; no segundo, apresenta "a coexistência da diferença e o primado da contradição no interior de uma mesma FD".

Dessa forma, em relação ao objeto deste trabalho, também é válido o deslocamento teórico feito pela autora. Em Courtine, tem-se o enunciado dividido apenas para "vozes contraditórias de FDs antagônicas...". Para ele, essa categoria materializa a fronteira entre diferentes domínios de saber(FDs). Aqui, uma vez que as fronteiras de uma FD são instáveis e que uma FD não é idêntica a ela mesma, propõe-se usar o enunciado dividido para analisar a existência de vozes que se diferenciam no interior da FD do sujeito do discurso. Vozes que, ainda que não sejam antagônicas nem divergentes, com certeza, se diferenciam e marcam a heterogeneidade discursiva da referida FD.

O recorte, a seguir apresentado, permite apreender o discurso-outro através do enunciado dividido e é marcado por dois funcionamentos lingüísticos distintos: "... não X... é Y" e "... não é só X... mas também Y", os quais atestam a diferença entre posições de sujeito, inscritas no interior da mesma FD. Diferença é aqui tomada como diversidade, variedade de posições de sujeito que não são iguais,

mas convivem pacificamente num mesmo domínio de saber.

Observe-se a análise:

**A diferença marcada por "...não X ... é Y "**

Em especial, para a análise desta forma de funcionamento discursivo, interessa retomar o trabalho de Indursky (1992). Essa autora trabalha com duas modalidades de negação: externa e interna. Para ela, a negação externa atua sobre o interdiscurso e o enunciado dividido representa, em seu interior, diferentes posições de sujeitos afetados por FDs antagônicas. Até aí, em nada se diferencia do trabalho de Courtine, mas, ao trabalhar com as diferenças subjetivas num mesmo domínio de saber, ou seja, com a negação interna, desloca o conceito de enunciado dividido por ele elaborado. Mostra que, nesse caso, o enunciado dividido não separa FDs antagônicas, e sim opõe posições de sujeito no interior da mesma FD. Esse funcionamento discursivo não aponta para identidades ideológicas antagônicas, evidenciando também que identidade ideológica não garante, necessariamente, posicionamentos idênticos. Segundo ela:

...O deslocamento que sugerimos permite revisar a noção de enunciado dividido proposto por Courtine (1982, p.254-62). Na concepção do autor, ao dividir-se, o enunciado veicula diferentes posições de sujeito, oriundas de FDs antagônicas. (...) Um enunciado dividido também pode veicular diferentes posições de sujeito, oriundas da mesma FD ...instaurando a contradição em seu domínio interno de saber (1992, p.333).

É esta a perspectiva que se assume na análise deste funcionamento discursivo, cuja estrutura lingüística apresenta-se marcada pelo advérbio *não*, acrescido de *uma frase afirmativa*, na maioria das vezes, introduzida pelo verbo *ser*, mas que também pode aparecer com o verbo *ter* e, na análise, representada por "...*não X... é Y*". Vejam-se as seqüências discursivas de referência<sup>9</sup>:

---

<sup>9</sup> A noção de seqüência(s) discursiva(s) de referência tem origem em Courtine (1981) e será representada, neste ensaio, por sd(s).

**sd 01**

... Eu sempre disse que *quem quiser fazer comissão de fábrica não espere que ela seja criada pelo dirigente sindical. Comissão de fábrica é o resultado da consciência dos trabalhadores...* fico com aqueles que não propõem em teoria mas fazem na prática. ...As comissões de fábrica existem de fato. E funciona (no banheiro, no bar, na própria seção) embora não tenham existência pública...(O Rio Grande Semanal, 28/06 a 04/07/1979, p.17).

**sd 02**

...As coisas para nós agora tendem a se tornar bem mais claras, porque *o trabalhador percebeu que não precisa fazer piquete, nem carnaval para fazer greve. É pura e simplesmente não ligar as máquinas quando ele entrar em serviço* (Entrevista ao Diário do Grande ABC, 23/07/78, publicada em "Lula - entrevistas e discursos", p.117 e 118).

**sd 03**

...*Não se deve fazer um comitê numa vila de trinta mil pessoas. Tem que fazer trinta ou quarenta comitês!* (Brasil Agora, p.11, ano II, nº 61, 05 a 20/07/94).

Observem-se as marcas lingüísticas:

sd 01 - *não...frase afirmativa ( não X > é Y );*

sd 02 - *não...frase afirmativa ( não X > é Y );*

sd 03 - *não...frase afirmativa ( não X > é Y ).*

Observe-se a apresentação das sds através da categoria do enunciado dividido:

**sd 01**

- |   |          |   |
|---|----------|---|
| E | <u>X</u> | <u>Os dirigentes sindicais devem organizar as comissões de fábrica.</u>     |
|   | Y        | As comissões de fábrica devem ser organizadas pelos próprios trabalhadores. |

**sd 02**

- |   |          |   |
|---|----------|---|
| E | <u>X</u> | <u>Greve requer piquete e "barulho".</u>          |
|   | Y        | Greve é desligar as máquinas, parar de trabalhar. |

**sd 03**

- E     X     Um comitê é suficiente numa vila de trinta mil pessoas.  
       Y     Precisamos fazer trinta ou quarenta comitês numa vila de trinta mil pessoas.

Nas três sds, os enunciados não necessariamente se excluem - *X* e *Y* representam apenas posições de sujeito distintas no interior de uma mesma FD. Ou seja: *X* é uma posição de sujeito diferente da posição de sujeito defendida pelo sujeito do discurso.

Observe-se que *não espere...*(sd 01), *não precisa...*(sd 02) e *não deve fazer ...*(sd 03) não evidenciam a exclusão de enunciados, os quais, na sua diferença, conseguem conviver. O que ocorre são afirmações/entendimentos distintos. A marca da negação (*não*), neste funcionamento discursivo, não registra a exclusão de um ou de outro enunciado, aponta apenas para as diferentes posições de sujeito.

Nas três sds, a interlocução assume características predominantes do discurso pedagógico<sup>10</sup>, isto é, diz "como fazer / como agir..."

Examinem-se as pistas lingüísticas que permitem a percepção da presença do discurso pedagógico:

sd 01 -... *não espere....comissão de fábrica é...*

sd 02 -...*não precisa...é pura e simplesmente...*

sd 03 -...*não se deve fazer um...tem que fazer...*

Essas marcas lingüísticas adquirem forma imperativa e mesmo evidenciando a não rejeição e a não exclusão do discurso da posição de sujeito<sup>2</sup>, mostram o "caminho" que, segundo a posição de sujeito<sup>1</sup>, deve ser tomado. Essa é a posição final que, como diz Orlandi

---

<sup>10</sup> Orlandi (1987, p.15-23) define o Discurso Pedagógico como um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola. Caracteriza o discurso pedagógico como um discurso autoritário no qual "o referente está 'ausente', oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida". A autora afirma que o discurso pedagógico, enquanto discurso autoritário, aparece como o discurso do poder - um discurso que cria a noção de erro e, portanto, o sentimento de culpa, falando, nesse discurso, uma voz segura e auto-suficiente.

(1987:17), "esmaga" o discurso-outro. Aqui o discurso de Lula apresenta-se como um discurso pedagógico, funcionando com fortes traços do autoritário. Lula, de seu lugar social, diz aquilo que precisa ser feito e também como fazê-lo.

Esse funcionamento discursivo mostra que o sujeito do discurso, sem refutar a posição de sujeito<sup>2</sup>, aponta para uma outra postura, isto é, a da posição de sujeito por ele defendida. Percebe-se, então, que, mesmo sem excluir, sem rejeitar, sem tensionar o discurso, emerge a diferença na forma como as diferentes posições de sujeito se relacionam com a forma sujeito de sua FD.

**A diferença marcada por "...não é só X ...mas é também Y"**

Registra-se que esta marca lingüística de enunciado dividido ("*não é só X ...mas é também Y*") aponta para a pluralidade de perspectivas no interior da FD interna, na qual o sujeito do discurso, representado pela posição de sujeito<sup>1</sup>, não rejeita a posição de sujeito<sup>2</sup>, apenas a complementa e, por isso, a ela faz acréscimos.

Embora essa forma de inserção do discurso-outro apresente propriedades próprias do discurso em análise, permite que se estabeleça um deslocamento teórico dos estudos da Semântica Argumentativa para o quadro teórico da AD, em especial, no que se refere aos trabalhos realizados por Guimarães (1985/1987).

Guimarães (1987, p.123-147) realizou estudos sobre "não só...mas também..." por ele apresentada como uma conjunção segmentativa, usada em textos com forte caracterização argumentativa. Nos referidos estudos, o autor salienta que "não só...mas também..." tanto pode articular argumentos quanto conclusões e que esta conjunção introduz, nas suas regularidades, um lugar próprio para a perspectiva do outro, ou seja, à duplicidade de perspectivas, constituindo-se numa significação polifônica. O locutor apropria-se do discurso do outro, mostrando, então, a presença desse outro, que, segundo o autor, não deve ser vista como discurso relatado, e sim por outro ângulo, ou seja, pelo da polifonia, pela diferença de perspectivas.

O autor, após constatar a pluralidade de possibilidades de

formas lingüísticas<sup>11</sup>, fixou seu estudo em enunciados possíveis de serem representados por “não só X mas (também) Y” e as análises feitas o levaram, então, a formular a seguinte hipótese: as enunciações de seqüências do tipo “não só X mas (também) Y” têm como significação básica: E1: X; E2: X, mas não só X, também Y.

Sintetizando o pensamento do autor, pode-se dizer que enunciados com “não só...mas (também)” revelam a pluralidade de enunciadores, mas, segundo ele, há uma conseqüência importante a ressaltar. Trata-se do fato de que esta argumentação pode estar introduzindo ou não uma crítica à perspectiva de E1. Assim, deve-se atentar para o modo de utilizar a perspectiva enunciativa (não só...mas também): quando articula conclusões é diferente de quando articula argumentos. Pode-se dizer que quando os conteúdos de X e Y são argumentos, E2, além de tomar X como um dos argumentos, toma a perspectiva de E1 a seu favor, como um argumento suplementar; quando os conteúdos X e Y são conclusões, E2 apresenta a conclusão de E1 como pobre, como insuficiente, critica-a e, portanto, argumenta contra seu caráter insuficiente.

No discurso em análise, igualmente foram registradas diferentes formulações dessa modalidade de inserção do discurso-outro. Dentre elas, destacam-se: *não só (...) frase afirmativa; não basta (...) frase afirmativa; não apenas (...) frase afirmativa; não apenas (...) e (mas) sim; não basta simplesmente (...) é preciso sobretudo...* Por isso, as diferentes formas registradas são generalizadas e formalizadas por *não é só X, mas é também Y* e deslocam-se os enunciadores (E1 e E2) de Guimarães para a perspectiva teórica da AD, na qual os mesmos assumem as diferentes posições de sujeito pertencentes a um mesmo domínio de saber

---

<sup>11</sup> O autor salienta que o operador “não só...mas também...” não parece definitivamente fixado - o “também” pode ou não estar presente, bem como no lugar do “mas” pode aparecer um “como”, podendo-se, igualmente, substituir o “também” por um “até mesmo”, ou ainda, acrescentar, depois do “como”, tanto “também” quanto “até mesmo”. A conjunção que está se fixando é “não só...mas”, acrescida de palavras com função adverbial, podendo-se encontrar, então, variantes como: “não só X mas Y”; “não somente X mas Y”; “não só X como Y”.

(mesma FD). *X* e *Y* representam, então, na análise deste funcionamento discursivo, enunciados discursivos que estabelecem a interlocução entre a posição-sujeito1 e a posição-sujeito2, atestando a diferença entre elas e a conseqüente heterogeneidade discursiva no interior da FD em estudo.

Ao analisar essa forma de ocorrência da heterogeneidade discursiva, o objetivo é perceber o efeito de sentido que o funcionamento discursivo dessa forma de inserção do discurso-outro provoca. Para tanto, recorre-se novamente à categoria da memória discursiva que permite rememorar os enunciados que circulavam no interior da própria FD do sujeito do discurso, através de diferentes "posições-sujeito".

Observem-se as sds:

***sd 04***

Fazer política *não é só* militar no partido ou nos partidos. *É também participar* da luta pelo esgoto no bairro e pelo melhor preço da safra no campo. É modificando em cada lugar deste país as relações sociais e as relações de produção, que o nosso povo chegará um dia a modificar em todo o país as relações de propriedade, suprimindo a contradição entre o capital e o trabalho. Por isso não admitimos que o movimento popular seja reflexo ou extensão de nossa atividade partidária; não queremos tutelá-lo. Ao contrário, é nosso partido que deve exprimir os anseios do movimento popular, consolidando-os politicamente (Anais da primeira Convenção Nacional do PT, discurso proferido em 27/09/81. p.21).

***sd 05***

...Temos que conversar, porque na constituinte *não basta* a gente ter a melhor proposta e estar sempre do lado da classe trabalhadora. Aqui o que conta é voto. E no voto, aqui, somos minoritários. Daí porque *é preciso tentar* convencer os políticos considerados de centro a avançar nas suas posições. Particularmente, eu não acredito muito nisso, mas devemos tentar. Tentar inclusive melhorar nossa metodologia de conversação, tendo sempre por detrás de nós a sustentação das exigências do movimento popular

organizado. Do contrário, ficaremos apenas com a justeza de nossas propostas e a certeza de que elas serão derrotadas ("PT - na luta da Constituinte", nº 01, Órgão Informativo da Bancada do PT, Brasília, 14 a 29/07/87).

**sd 06**

Nossa campanha salarial mostrou aos trabalhadores que eles terão de lutar muito para conseguir as coisas. A luta *não deverá ser apenas* ao nível reivindicatório, econômico. *Deverá ser também* ao nível social e político (Entrevista a Frei Beto, 28/05/80, publicada em "Lula - entrevistas e discursos", p.280).

Pela análise das sds, percebe-se que se está diante de uma modalidade de inserção do discurso-outro, na qual a heterogeneidade discursiva se dá através da pluralidade de perspectivas que ocorrem no interior da FD do sujeito do discurso, profundamente marcada por esse funcionamento discursivo. Tem-se aqui a existência de "posições-sujeito" diferenciadas. Veja-se como elas se apresentam na composição dos enunciados:

**sd 04**

*Pos-Suj 2* - Fazer política é militar no Partido.

*Pos-suj 1* - Fazer política é militar no Partido *mas, também*, participar da luta pelo esgoto no bairro e pelo melhor preço da safra no campo (Fazer política é X, mas também Y).

**sd 05**

*Pos-suj 2* - O PT, na Constituinte, deve ter a melhor proposta e estar sempre do lado da classe trabalhadora.

*Pos-suj 1* - O PT, na Constituinte, deve ter a melhor proposta e estar sempre do lado da classe trabalhadora, *mas precisa tentar* convencer os políticos considerados de centro a avançar nas suas posições (O PT deve ter X mas, além disso, deve fazer Y).

**sd 06**

*Pos-Suj 2* - A luta dos trabalhadores deve se dar no nível reivindicatório e econômico.

*Pos-Suj 1* - A luta dos trabalhadores deve se dar no nível



reivindicatório e econômico, *mas também* deve ser no nível social e político (A luta deve ser X mas também Y).

Estar-se-ia aqui diante daquilo que Guimarães (1987:138) trata como sendo a articulação de argumentos. Observe-se que, neste caso, o sujeito do discurso concorda com a posição-sujeito2, mas aponta para a necessidade da complementação do discurso dessa posição de sujeito e a ela faz acréscimos. A posição-sujeito2, portanto, não é rejeitada, pelo contrário, ao efetuar os acréscimos, o sujeito do discurso estabelece uma certa "cumplicidade" entre as diferentes posições de sujeito. Aceita o discurso-outro apresentado como definitivo, e acrescenta o discurso de sua posição de sujeito como algo de igual importância. A pista lingüística que possibilita dizer que existe essa concordância como discurso-outro é a *afirmação*. Observe-se, que em todas as sds, o discurso-outro é apresentado de forma afirmativa: sd 04 - Fazer política é...mas também é...

sd 05 - O PT deve ter...mas além disso deve...

sd 06 - A luta deve ser...mas também deve...

Diante disso, pode-se dizer que o enunciado pela posição de sujeito2 funciona como pré-construído, pois é consenso no interior da FD1. O acréscimo feito pela posição-sujeito1 busca complementar o discurso da posição-sujeito2, exercendo, portanto, o efeito de sentido do discurso pedagógico. Ou seja, o sujeito do discurso, de seu lugar social, aponta para o que todos devem fazer... que, em última análise, corresponde ao que "deve ser dito no interior de sua FD", numa determinada conjuntura histórico-social, mas, neste funcionamento discursivo, desaparecem ou, pelo menos, abrandam-se os traços de autoritarismo verificados na análise do funcionamento discursivo anteriormente analisado ("...não X...é Y"). Lá falava uma "voz" dominante, aqui fala uma "voz" de cumplicidade. Talvez aqui se possa dizer que o discurso pedagógico, no funcionamento discursivo ("...não é só X...mas é também Y"), assume traços do discurso polêmico, constituindo-se a partir da crítica e apontando para um certo índice de reversibilidade, ausente na análise do funcionamento discursivo "...não X...é Y".

Encerrando a análise, pode-se perceber que o discurso de

Lula é marcado por relações de diferença, ou seja, no interior de sua FD convivem, na diferença, distintas posições de sujeito que, na sua relação com a forma-sujeito, diferenciam-se entre si, mas que, apesar de díspares, convivem pacificamente em um mesmo domínio de saber.

É mostrando essa diferença que o sujeito do discurso sinaliza, para a posição de sujeito2, "os caminhos" a serem seguidos no interior da FD. O enunciado dividido, apresenta-se através de dois diferentes funcionamentos lingüísticos que:

. quando marcado por "*...não X... é Y*", funciona como possibilidade de diferentes posições de sujeito conviverem harmonicamente no interior da mesma FD;

. quando marcado por "*...não é só X ...mas é também Y*", funciona também como marca da pluralidade de posições de sujeito. A posição de sujeito1 concorda com a posição de sujeito2, no entanto, a ela faz acréscimos que, por sua vez, funcionam como complementação do discurso da posição de sujeito2 e apontam para "aquilo que pode e deve ser dito" no interior da FD.

As relações de diferença são resultado de formas distintas de relacionamento com a forma-sujeito da FD - os enunciados convivem, mas apontam para a existência de uma FD que não é idêntica a ela mesma, pois possui espaço para a contradição e para a heterogeneidade discursiva.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 1

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité Montrée et Hétérogénéité Constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**. Paris, v.26, p.91-151, 1982.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade (s) Enunciativa (s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v.19, p.25-41, jul./dez., 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de

Janeiro: Forense Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

CAZARIN, Ercília A. **Heterogeneidade discursiva: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L. I. Lula da Silva**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998 (Série Dissertações de Mestrado).

COURTINE, Jean Jacques. **Analyse du Discours Politique: le discours communiste adressé aux chrétiens**. These de Doctorat 3éme cycle, Nanterre, Université de Paris X, 1980.

\_\_\_\_\_. Quelques problèmes theoriques et methodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, v.62, p.9-127, juin, 1981.

\_\_\_\_\_. Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. *Philosophiques*, Paris, v.9, n.2, p.239-64, oct., 1982.

COURTINE, Jean Jacques, MARANDIN, Jean Marie. Quel objet pour l'analyse de discours? In: *Matérialités Discursives*. Actes du Colloque 24-6, avril, 1980. Paris X - Nanterre Lille. **Presses universitaires de Lille**, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

GUILHAUMOU, Jacques, MALDIDIER, Denise. Da Enunciação ao Acontecimento Discursivo em Análise do Discurso. In: GUIMARÃES, Eduardo (org). **História e sentido na Linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

GUIMARÃES, Eduardo. Não só...mas também: polifonia e argumentação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas: n.8, p.79-108, 1985.

\_\_\_\_\_. **Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do**

português. Campinas: Pontes, 1987.

INDURSKY, Freda. **Polêmica e Denegação: dois funcionamentos discursivos da negação**. In: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: v.19, p.117-122, jul./dez., 1990.

\_\_\_\_\_. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Tese de Doutorado, Campinas, 1992.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Segmentar ou recortar? **Série Estudos**. v.10, p.9-26, 1984.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e o seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Terra à Vista!** discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

\_\_\_\_\_. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Remontémonos de Foucault a Spinoza. In: **El discurso político**. Universidad Nacional Autónoma de México, Editorial Nueva Imagen. México, 1980.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso**. Campinas: Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise, HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990a.

\_\_\_\_\_. (1993) A análise do Discurso: três épocas. In: GADET, Françoise, HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do**

**discurso**. Campinas: Unicamp, 1990b.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1990c.

PÊCHEUX, Michel, FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise, HAK, Tony (org). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 2

GUIZZO, João et al. LULA - Luís Inácio da Silva - Entrevistas e Discursos, 2ª ed., São Paulo: O Repórter de Guarulhos, 1981.

ANAIS, JORNAIS E BOLETINS Anais da Primeira Convenção Nacional do PT - discurso proferido em 27/09/81, p.21.

Brasil Agora, ano II, nº61, 05 a 20/07/1994, p.11.

O Rio Grande Semanal, 28/06 a 04/07/1979, p.17.

"PT - na luta da Constituinte", nº 01 - órgão informativo da bancada do PT, Brasília, 14 a 29/07/87.

**ABSTRACT:** This article, based on the theoretical view of the French School of discourse analysis, analyses the discursive unlikeness, examining the reading/interpretation of the interrelationship between the different positions of the subject that determine the difference inside a same discursive development. The analysis focuses on the political discourse of L. I. Lula da Silva during 1978/2000.

**KEY-WORDS:** Discourse, discursive unlikeness, different-speech, subject-position.

